

A prova no papel: Sobre os mecanismos de (re)produção e transmissão de evidências documentais para o conhecimento histórico do século XVIII

*Evidence on Paper: (Re)Producing and
Transmitting Historical Evidence in the
Eighteenth Century*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.47159>

André de Melo Araújo¹

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-8483-8235>

andaraaujo@unb.br

Como citar:

ARAÚJO, André de Melo. A Prova no Papel: sobre os mecanismos de (re)produção e transmissão de evidências documentais para o conhecimento histórico do século XVIII. *História, Histórias*, Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2022.

¹ Agradeço a Kasper Risbjerg Eskildsen, Martin Gierl, Matteo Giuli, Nathaniel Jezzi e Volker Arnke pela leitura atenciosa do manuscrito, bem como aos bibliotecários e às bibliotecárias das bibliotecas universitárias de Göttingen, Berlim (FU), Münster e Bonn, e da Staatsbibliothek em Berlim pelas informações prestadas. Agradeço igualmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil – CNPq pela concessão da bolsa de produtividade em pesquisa e à FAPDF pelo financiamento da pesquisa. Este artigo é uma versão revista, expandida e adaptada da seguinte publicação: ARAÚJO, André de Melo. Transmediating Historical Artifacts. Johann Christoph Gatterer's Works on Diplomatics and the Reproduction of Documentary Evidence for Eighteenth-Century Historical Research. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie IV: Historia Moderna*, vol. 35, 2022, p. 129-156.

Resumo

Do ponto de vista do conhecimento histórico da Época Moderna, o que estava em jogo quando artefatos manuscritos eram examinados através de reproduções? Quais eram as funções e os limites dessas reproduções, no contexto setecentista de produção do conhecimento histórico? Neste artigo, exploro essas questões ao examinar quatro gravuras diferentes de uma pedra tumular descoberta em 1770. Tal descoberta deflagrou uma disputa pública, por sua vez arbitrada pelo diretor do Instituto Real de Ciências Históricas da Universidade de Göttingen, Johann Christoph Gatterer (1727-1799). A análise das imagens fundamenta a tese segundo a qual os artefatos impressos na Época Moderna podem ser vistos como uma prova no papel dos mecanismos de (re)produção e transmissão do conhecimento.

Palavras-chave

Época Moderna; Diplomática; História do Livro; Cultura Material; História e Imagem

Abstract

What was at stake when handwritten artifacts were examined through reproductions in the Eighteenth Century? What were the functions and limits of these reproductions? In this paper, I explore these questions by analyzing four different engravings from a gravestone discovered in 1770. Such a discovery sparked a public dispute, which was arbitrated by the director of the Royal Institute of Historical Sciences at the University of Göttingen, Johann Christoph Gatterer (1727-1799). Here I show that Early Modern printed artifacts are eloquent evidence of how knowledge was then (re)produced and transmitted.

Keywords

Early Modern period; Diplomatics; History of the Book; Material Culture; History and Images

“(...) pairando nas nuvens, a Divina Providência levanta uma longa cortina e revela o Templo da Paz, tal como construído anteriormente em Roma. Às portas do Templo, a Justiça e a Paz se beijam e se abraçam (...).”²

Descrições verbais como essa citada em epígrafe tinham por objetivo decodificar e explicar a mensagem transmitida por meio de imagens na Época Moderna. Nesse caso particular, no qual a união da Justiça e da Paz é celebrada, Johann Gottfried von Meiern (1692-1745) descreve verbalmente os elementos iconográficos da cena gravada em metal e impressa no papel. A gravura foi utilizada como frontispício de uma coleção de documentos legais por ele editada no início do século XVIII (Figura 1).

A coleção de documentos intitulada *Acta Pacis Westphalicae Publica* foi impressa em seis volumes entre os anos de 1734 e 1736, e ainda hoje é considerada uma edição importante de registros diplomáticos e atos legais relacionados à Paz de Vestfália.³ Todavia, apesar da extensão significativa do texto distribuído em mais de 5.000 páginas impressas, os volumes da coleção não apresentam o conteúdo de todas as atas preservadas das negociações de paz ocorridas nas cidades de Münster e Osnabrück durante os momentos finais da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Além disso, a



Figura 1: Frontispício.
MEIERN, Johann Gottfried von. *Acta Pacis Westphalicae Publica Oder Westphälische Friedens-Handlungen und Geschichte*. Vol. I. Hannover: Schultze, 1734: “Erklärung des General-Kupffer-Titel-Blats”: “Zu dem Ende siehet man die Göttliche Vorsehung in den Wolcken schwebend, welche einen langen Vorhang aufziehet und dahinter den Friedens-Tempel, wie er vormahls in Rom erbauet war, zum Vorschein kommen lässt; an dessen Thüren Gerechtigkeit und Friede sich küssend umarmen, und die Thüren zuschliessen.”

² MEIERN, Johann Gottfried von. *Acta Pacis Westphalicae Publica. Oder Westphälische Friedens-Handlungen und Geschichte*. Vol. I. Hannover: Schultze, 1734: “Erklärung des General-Kupffer-Titel-Blats”: “Zu dem Ende siehet man die Göttliche Vorsehung in den Wolcken schwebend, welche einen langen Vorhang aufziehet und dahinter den Friedens-Tempel, wie er vormahls in Rom erbauet war, zum Vorschein kommen lässt; an dessen Thüren Gerechtigkeit und Friede sich küssend umarmen, und die Thüren zuschliessen.”

³ Sobre a importância histórica da *Acta Pacis Westphalicae Publica*, editada por Johann Gottfried von Meiern, cf.: WESTPHAL, Siegrid. Der Westfälische Frieden 1648. In: DINGEL, Irene; ROHRSCHNEIDER, Michael; SCHMIDT-VOGES, Inken; WESTPHAL, Siegrid; WHALEY, Joachim (eds.). *Handbuch Frieden im Europa der Frühen Neuzeit / Handbook of Peace in Early Modern Europe*. Bearb. v. Volker Arnke. Berlim; Boston: De Gruyter, 2021, p. 944. Consulte-se também: “Acta Pacis Westphalicae Publica” (2014), de Volker Arnke. Acesso em 03 de janeiro de 2023. URL: <https://www.ikfn-cms.uni-osnabrueck.de/index.php?id=1843>; “Acta Pacis Westphalicae (APW)” (2014), principalmente a introdução. Acesso em 03 de janeiro de 2023. URL: http://www.pax-westphalica.de/apw-svg/apw_einfuehrung.html.

obra não se encontra livre de erros de impressão.⁴

Enfrentar registros documentais lacunosos e identificar erros introduzidos em documentos manuscritos e impressos eram tarefas que faziam parte do trabalho cotidiano de Meiern, uma vez que ele se encontrava à frente do arquivo do eleitorado de Brunswick-Lüneburg desde 1729. Como arquivista, Meiern emitiu uma série de pareceres sobre distintos documentos diplomáticos preservados no espaço territorial do Sacro Império Romano-Germânico.⁵ Os objetivos mais recorrentes desses pareceres eram reconhecer a autenticidade de registros manuscritos, identificar seus emissores e, assim, encerrar eventuais disputas frequentemente levadas à público.

Alguns anos antes de publicar o primeiro volume da *Acta Pacis Westphalicae Publica*, Meiern foi convocado para arbitrar uma disputa. Em 1731, tratava-se da concessão de privilégios fiscais à pessoa do vigário da catedral de Hildesheim. O que nesse momento se encontrava em questão não era a autenticidade do documento legal por meio do qual o privilégio fora concedido, mas a correta identificação de seu signatário. Uma vez identificado, a datação do documento – e, consequentemente, o momento a partir do qual o privilégio entrara em vigor – poderia ser corretamente estabelecida. Para não comprometer a análise, Meiern solicitou acesso ao documento original. Mas caso tal solicitação não pudesse ser atendida, o arquivista de Brunswick-Lüneburg ficaria igualmente satisfeito se um artista local lhe enviasse uma cópia fiel da peça original.⁶ Em Hildesheim, essa foi a solução encontrada. Meiern recebeu então uma gravura na qual o manuscrito original se encontrava reproduzido. Dessa forma, as imagens que passaram por suas mãos na década de 1730 deveriam atender às exigências impostas pelo trabalho com documentos de valor legal não apenas do ponto de vista iconográfico, mas também do ponto de vista da diplomática.

⁴ Cf. OSCHMANN, Antje. Johann Gottfried von Meiern und die ‘Acta pacis Westphalicae publica’. In: DUCHHARDT, Heinz (ed.). Der Westfälische Friede. Diplomatie – politische Zäsur – kulturelles Umfeld – Rezeptionsgeschichte. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 1998, p. 779.

⁵ OSCHMANN, Antje. Johann Gottfried von Meiern und die ‘Acta pacis Westphalicae publica’, op. cit., p. 781.

⁶ Esse caso foi estudado com detalhes em: DORNA, Maciej. Mabillon und andere. Die Anfänge der Diplomatik. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2019, p. 213-216.

Em 1720, as controvérsias em torno da autenticidade e da identificação de documentos de valor legal – ou *diplomata* – eram conhecidas nos territórios alemães por meio da expressão latina *bella diplomatica* – guerras diplomáticas.⁷ Para os envolvidos nas disputas, a expressão fazia claramente ecoar o título da obra já bem difundida de Jean Mabillon (1632-1707): *De re diplomatica* (1681). Nessa obra, Mabillon elaborou regras a partir das quais se poderia analisar tanto as fórmulas textuais frequentemente utilizadas em documentos escritos quanto a forma gráfica dos registros feitos à pena.⁸ Quando levados à prensa, os argumentos textuais de Mabillon foram acompanhados por diversas gravuras em metal feitas por Pierre Giffart (1643-1723), que por sua vez se empenhou em reproduzir com o buril as fórmulas textuais e as características gráficas das variações caligráficas consideradas nas análises de Mabillon. Ao reproduzir as informações textuais e gráficas dos documentos, é improvável que Giffart tenha visto de perto todas as peças originais. É bastante mais provável que as imagens tenham sido gravadas sobretudo a partir de desenhos dos documentos originais feitos por diferentes autores gráficos, incluindo Mabillon.⁹

Na disputa particular para a qual se requereu o arbítrio de Johann Gottfried von Meieren, foi o artista Johann Ludwig Brandes que teve acesso direto ao documento original preservado em Hildesheim. Desde a década de 1720, as mãos habilidosas de Brandes já eram conhecidas por terem gravado uma série de imagens que circularam sob o título *Gloriosa Antiquitas Hildesina*.¹⁰ A série tinha por objetivo apresentar de perto, aos olhos dos fiéis de todas as partes do Sacro Império, reproduções de algumas peças selecionadas do Tesouro da Catedral. Assim, uma década depois, o artista recebeu a tarefa de reproduzir com precisão o documento original manuscrito sobre o qual o arquivista do eleitorado de Brunswick-Lüneburg deveria, à distância, emitir um parecer (Figura 2).

Figura 2: MOSER,
Johann Jacob.
Bescheidene Vindi-
ciae Eines Diplo-matis
Des Römis-chen
Königs Hein-richs VII.
de anno 1226...
Hildesheim, 1731,
prancha in-serida
entre as páginas 12 e
13. Universitäts- und
Landesbibliothek
Sachsen-Anhalt, Nú-
mero de catalogação:
Ng 894, 4º.



7 Cf. DORNA, Maciej. Mabillon und andere, op. cit., p. 47.

8 Cf. ARAÚJO, André de Melo. Diplomatik. In: Encyclopedia of Early Modern History. Stuttgart; Leiden: Metzler; Brill, 2020.

9 GRAFTON, Anthony. Inky Fingers. The Making of Books in Early Modern Europe. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2020, p. 101.

10 Cf. Neues vaterländisches Archiv oder Beiträge zur allseitigen Kenntniß des Königreichs Hannover und des Herzogthums Braunschweig. Lüneburg: Herold und Wahlstab, 1827, p. 188.

Do ponto de vista do conhecimento histórico da Época Moderna, o que estava em jogo quando artefatos manuscritos eram examinados através de reproduções? Quais eram as funções e os limites dessas reproduções, no contexto setecentista de produção de pareceres especializados sobre a identificação e a autenticidade de documentos históricos? Quão evidentes eram os mecanismos de (re)produção e transmissão de provas documentais, aos olhos daqueles que consolidavam o campo de estudos da *diplomática* no período?

Neste artigo, exploro essas questões ao examinar diferentes reproduções de um mesmo documento histórico em função do qual se deflagrou uma outra disputa também levada à público. A nova disputa, iniciada em Quedlinburg, foi igualmente arbitrada à distância e encerrada com argumentos baseados nas regras da diplomática. Em 1770, encontrava-se em causa a correta identificação de uma pedra tumular recentemente descoberta, inicialmente apontada como a lápide de Henrique I da Germânia, o Passarinheiro (c. 876-936), fundador da dinastia otomiana dos reis saxões. Ocorre que essa atribuição foi imediatamente contestada nas páginas dos veículos noticiosos do período. Para avaliar os argumentos em disputa, consultou-se o diretor do Instituto Real de Ciências Históricas da Universidade de Göttingen, Johann Christoph Gatterer (1727-1799). Nas últimas décadas do século XVIII, o respeito à figura acadêmica de Gatterer já se espalhara para além dos círculos universitários.

Logo após Meiern ter dirimido as dúvidas atinentes aos privilégios fiscais concedidos ao vigário da catedral de Hildesheim, uma nova universidade foi fundada nos territórios alemães historicamente ligados ao eleitorado de Brunswick-Lüneburg. Ao final da década de 1760, a Universidade de Göttingen já havia se consolidado como um importante centro de produção de conhecimento histórico no continente europeu.¹¹ Esse foi o contexto institucional no qual Gatterer fundou o Instituto Real de Ciências Históricas¹² com o ob-

¹¹ Sobre a importância da produção do conhecimento histórico ligado à Universidade de Göttingen do ponto de vista da história da historiografia, consulte-se: IGGERS, Georg G. New Directions in European Historiography. Middletown: Wesleyan University Press, 1975, p. 12; REILL, Peter Hanns. The German Enlightenment and the Rise of Historicism. Berkeley: University of California Press, 1975, p. 8; ARAÚJO, André de Melo. Weltgeschichte in Göttingen. Eine Studie über das spätaufklärerische universalhistorische Denken, 1756-1815. Bielefeld: transcript, 2012, p. 40.

¹² Trata-se do Königliches Institut der historischen Wissenschaft zu Göttingen (1764-1799), cujos objetivos encontram-se claramente delineados desde a sua fundação. Cf.: GATTERER, Johann Christoph. Geseze des Königl. Instituts der Historischen Wissenschaften. §. 1. 23.12.1766, Univer-

jetivo de promover o estudo teórico e prático das chamadas ciências auxiliares da História, incluindo-se a diplomática. Com esse objetivo em mente, Gatterer participou das reuniões regulares do instituto e não economizou esforços para que um público mais amplo se familiarizasse com os interesses acadêmicos de seus membros. Para tanto, editou uma publicação periódica intitulada *Allgemeine historische Bibliothek*. Ainda que o título se dedicasse principalmente à divulgação de resenhas de livros recentes, Gatterer também acolheu diversas contribuições dos membros do instituto dedicadas à análise de diversas – assim chamadas – classes de documentos históricos, tais como moedas, medalhas, brasões de armas¹³ e documentos diplomáticos.¹⁴

Nas primeiras páginas do décimo quinto volume do periódico *Allgemeine historische Bibliothek*, Gatterer apresenta os termos da controvérsia iniciada em janeiro de 1770 em torno da pedra tumular encontrada em Quedlinburg seguidos do seu parecer. Considerando-se a importância do caminho argumentativo difundido nesse parecer, sobretudo do ponto de vista da história da historiografia, não é surpreendente que o texto de Gatterer já tenha sido explorado em estudos mais recentes. Em um artigo publicado em 2015, Kasper Risbjerg Eskildsen mostra convincentemente como a análise rigorosa empreendida por Gatterer das evidências documentais relacionadas com a disputa de 1770 ajudou a “moldar o ideal moderno do historiador como pesquisador de arquivos”.¹⁵ De fato, ao conduzir suas análises de peças arquivísticas, o professor universitário se atinha a questões tanto de ordem teórica quanto prática, uma vez que o valor jurídico atribuído a documentos diplomáticos no período fazia deles, simultaneamente, “testemunhos da lei e da história”.¹⁶ Assim, o modo como Gatterer integrou a diplomática prática no âmbito

sitätsarchiv Göttingen, Kur 7540, p. 1r, apud: GIERL, Martin. Geschichte als präzisierte Wissenschaft. Johann Christoph Gatterer und die Historiographie des 18. Jahrhunderts im ganzen Umfang. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2012, p. 16-17.

¹³ GATTERER, Johann Christopher. Vorrede. Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen. Halle: Johann Justinus Gebauer, 1767, Vol. I, p. 1(5v).

¹⁴ Consulte-se, por exemplo, o relato de um ex-aluno de Gatterer, Ernst Christoph Walch: WALCH, Ernst Christoph. Diplomatische Anmerkungen aus Urkunden vom 14sten, 15sten, 16sten Jahrhunderte an das Königl. historische Institut eingesandt von Ernst Christoph Walch, ausserordentlichen Mitglied des gedachten Instituts 1768. Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen. Halle, Johann Justinus Gebauer, Vol. XI, 1769, p. 3-24.

¹⁵ ESKILDSEN, Kasper Risbjerg. Relics of the Past: Antiquarianism and Archival Authority in Enlightenment Germany. Storia della Storiografia, vol. 68, n. 2, 2015, p. 69. Mais recentemente: ESKILDSEN, Kasper Risbjerg. Modern Historiography in the Making: The German Sense of the Past, 1700-1900. London: Bloomsbury Academic, 2022, p. 75-86.

¹⁶ DORNA, Maciej. Mabillon und andere, op. cit., p. 249.

mais amplo do conhecimento histórico do século XVIII também já foi analisado, em detalhes, por Martin Gierl e Maciej Dorna.¹⁷ Todavia, as características gráficas das informações textuais e as funções ocupadas pelas imagens nos pareceres, cursos e manuais de Gatterer sobre a diplomática, em geral, e em torno da disputa pública deflagrada em 1770, em particular, foram, até agora, deixadas de lado pela crítica. Neste artigo, investigo, portanto, os mecanismos de (re)produção e transmissão de evidências documentais para o conhecimento histórico do século XVIII. Para alcançar os objetivos aqui propostos, serão analisadas, particularmente, quatro gravuras em metal da pedra tumular descoberta em Quedlinburg, por sua vez impressas em 1770, 1783, 1787 e 1799.

Na primeira seção deste artigo, apresento os termos da disputa em torno da identificação da pedra tumular encontrada em Quedlinburg e sobre a qual Gatterer escreveu um parecer. Considerando que o professor da Universidade de Göttingen estaria ciente de que, assim como os documentos diplomáticos, também outras classes de documentos históricos têm características particulares dificilmente apreensíveis por meio de reproduções, exploro, por um lado, até que ponto o uso de desenhos e gravuras poderia estabelecer limites para a tarefa encomendada. Por outro lado, analiso ainda as funções que podem ser atribuídas às imagens da pedra tumular, uma vez que Gatterer recebera desenhos feitos à mão do artefato encontrado em 1770, desenhos estes que serviram de referência para a produção da gravura encomendada para circular entre as páginas de texto do parecer publicado na *Allgemeine historische Bibliothek*. Na segunda parte deste artigo, exploro detalhes até então desconhecidos da pedra tumular e revelados apenas em 1787, quando foram mais uma vez gravados em metal para serem levados à prensa. A nova gravura se encontra inserida na *História da Abadia de Quedlinburg*, escrita por Gottfried Christian Voigt e publicada em três volumes. Ao analisar a imagem, argumento que a gravura que acompanha o trabalho de Voigt tem o efeito de destacar os mecanismos de (re)produção de evidências documentais para o conhecimento histórico do século XVIII. Em um terceiro e último passo, sigo o caminho deixado pelas mãos dos artistas encarregados de produzir duas réplicas diferentes da imagem originalmente gravada em 1770. Essas duas réplicas foram confeccionadas em 1783 e 1799 com a finalidade de ilustrar os manuais de diplomática de Gregor Maximilian Gruber e Gatterer,

¹⁷ GIERL, Martin. Geschichte als präzisierte Wissenschaft, op. cit., p. 128-153; DORNA, Maciej. Mabillon und andere, op. cit., p. 238.

respectivamente. Aqui, mostro como os artefatos impressos na Época Moderna podem ser vistos como uma prova no papel dos mecanismos de (re)produção e transmissão do conhecimento.

A descoberta da pedra tumular

Em 1756, a abadessa de Quedlinburg, Anna Amalia (1723-1787), irmã de Frederico II (1712-1786), rei da Prússia, promoveu a busca da pedra tumular de Henrique I da Germânia, o Passarinheiro.¹⁸ Seu interesse na figura do rei medieval não estava necessariamente ligado às contínuas rivalidades entre a Áustria e a Prússia no controle de territórios do Sacro Império Romano-Germânico. Antes, eram seus deveres como abadessa de Quedlinburg que mais claramente justificavam o apoio de Anna Amalia ao empreendimento arqueológico.

Segundo uma tradição local, Henrique I da Germânia foi enterrado em Quedlinburg. Desde então, a Abadia passou a ser um centro de memória da dinastia ottoniana.¹⁹ Todavia, a ideia de que o rei esteve diretamente envolvido no projeto de fundação dessa instituição religiosa – aliando-se, portanto, aos esforços envidados por sua esposa, Matilda –, ainda é objeto de controvérsia.²⁰ Certo, porém, é que a expedição promovida por Anna Amalia só conseguiu encontrar os restos de um artefato de madeira no local onde o corpo do rei fora supostamente sepultado. Em contrapartida, os ossos correspondentes a dois corpos humanos foram encontrados no túmulo da viúva. A partir desse achado arqueológico, levantou-se a hipótese segundo a qual Henrique I e a rainha Matilda foram sepultados lado a lado; apenas em um momento posterior, o corpo do rei teria sido trasladado para ocupar o mesmo espaço inicialmente reservado à esposa.²¹

¹⁸ Cf. VOIGTLÄNDER, Klaus. Die Stiftskirche St. Servatii zu Quedlinburg. Geschichte ihrer Restaurierung und Ausstattung. Berlim: Akademie-Verlag, 1989, p. 180. Descrevi anteriormente a busca pela pedra tumular de Henrique I da Germânia em: ARAÚJO, André de Melo. Por amor à verdade. Autenticidade documental e utilidade do conhecimento histórico iluminista. In: CORTI, Paola; MORENO, Rodrigo; WIDOW, José Luis (eds.). La utilidad de la historia. Gijón: Ediciones Trea, 2018, p. 251-265.

¹⁹ SCHLIEPHACKE, Oliver. Die Memoria Heinrichs I. in Quedlinburg. In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 209.

²⁰ BODARWÉ, Katrinette. Heinrich, Mathilde oder Otto – Wer gründete das Stift Quedlinburg? In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 181.

²¹ Cf. EHLERS, Joachim. Heinrich I. in Quedlinburg. In: ALTHOFF, Gerd; SCHUBERT, Ernst (eds.). Herrschaftspräsentation im ottonischen Sachsen. Sigmaringen: Thorbecke, 1998, p. 257;

Pelo menos desde o início do século XVIII, o público interessado na história de Quedlinburg foi apresentado visualmente à hipótese de que os corpos reais encontraram descanso em sepulturas contíguas. Friedrich Ernst Kettner (1671-1722) estava, nesse momento, ciente dos riscos que incorria ao construir uma narrativa histórica sobre um assunto para o qual não restavam grandes evidências documentais. No prefácio de seu livro dedicado à história da Abadia de Quedlinburg e publicado em 1710, Kettner pede desculpas a seus leitores por possíveis imprecisões que poderiam ter surgido de sua pena.²² Uma dessas imprecisões foi identificar a lápide disposta proximamente à pedra tumular de Henrique I como a pedra tumular de Matilda, embora não sua viúva e rainha, como a tradição propagava, mas sim a primeira abadessa de Quedlinburg, igualmente denominada Matilda (Figura 3).²³

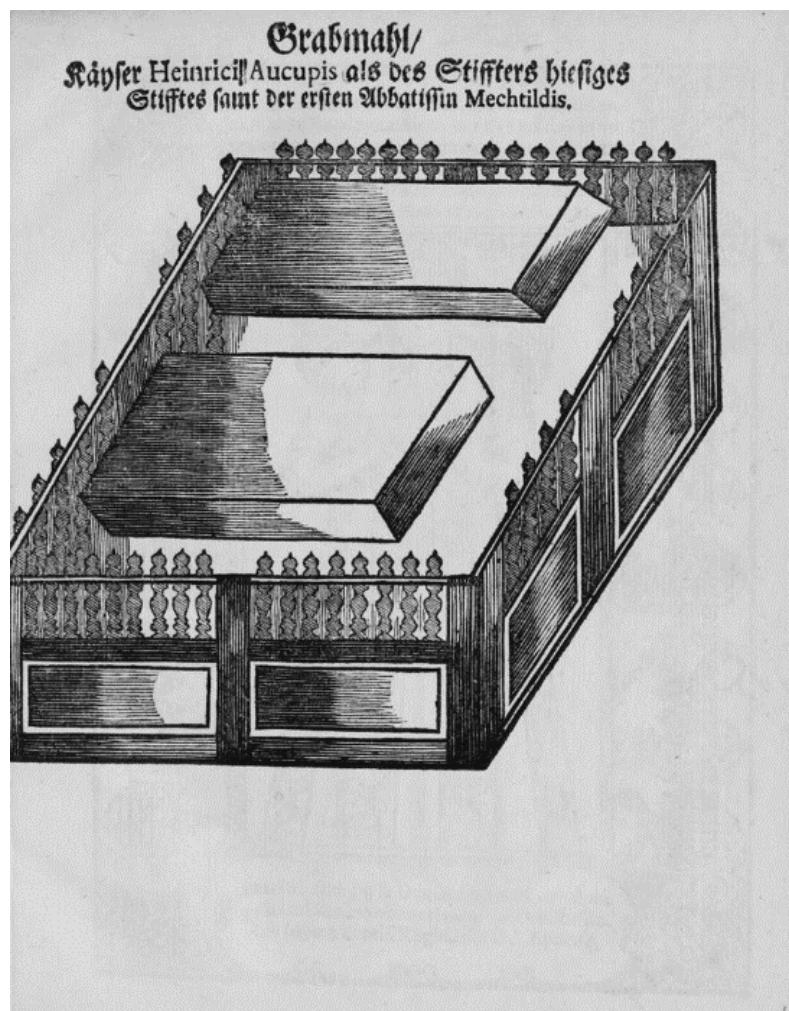


Figura 3: «Grabmahl, Käyser Heinrici Aucupis...», in: KETTNER, Friedrich Ernst. Kirchen- und Reformations-Historie, des Kayserl. Freyen Weltlichen Stifts Quedlinburg... Quedlinburg: Schwan, 1710, gravura inserida após a p. 290. Herzog August Bibliothek, Wolfenbüttel, Número de catalogação: M: Typ 265.

DRECHSLER, Heike. Zur Grablege Heinrichs I. in Quedlinburg. Archiv für Diplomatik, vol. 46, 2000, p. 160.

²² KETTNER, Friedrich Ernst. Kirchen- und Reformations-Historie, des Kayserl. Freyen Weltlichen Stifts Quedlinburg... Quedlinburg: Schwan, 1710, p. 6. Já no início do século XVIII, Johann Georg von Eckhart chama atenção para os erros disseminados na obra de Kettner. Ver: WARNKE, Christian. Die 'Hausordnung' von 929 und die Thronfolge Ottos I. In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 135.

²³ Sobre esse caso, consulte-se: DRECHSLER, Heike. Zur Grablege Heinrichs I. in Quedlinburg, op. cit., 158-159.

No centro da imagem, exibem-se dois volumes contíguos dispostos em perspectiva, representando duas pedras tumulares. Entretanto, a gravura não fornece qualquer outra informação visual por meio da qual os referentes pudessem ser identificados. Essa função coube exclusivamente à descrição textual imprecisa dos objetos representados na cena e localizada na porção central superior da página. Em contrapartida, a xilogravura desempenha, na obra, um papel claro: a imagem ornamenta o volume impresso sem representar, visualmente, uma evidência histórica particular. De fato, reivindicou-se a descoberta dessa evidência apenas meio século depois.

Em 1769, Georg Christoph Hallensleben (1723-1794) assume a posição de vigário da Igreja de São Benedito, em Quedlinburg.²⁴ Por volta do início do ano seguinte, fortes chuvas tornaram então visível o conteúdo gravado de uma pedra utilizada na construção de uma edificação local. Após examinar a pedra guiado por interesses antiquarianistas,²⁵ Hallensleben afirmou ter encontrado a pedra tumular de Henrique I da Germânia.

Não levou muito tempo até que a descoberta de evidências históricas extraordinárias do período otoniano fosse noticiada na imprensa. Em 27 de janeiro de 1770, o periódico *Hamburgischer Correspondenten* informou a seus leitores sobre o recente achado arqueológico com o qual se prometia lançar uma nova luz sobre a história.²⁶ Ocorre que, pouco tempo depois, uma carta anônima publicada em Halle contestou os argumentos apresentados por Hallensleben, de modo a inaugurar uma disputa pública sobre a identificação da pedra tumular. Nesse momento, requereu-se o parecer de um especialista.

Ao longo da década que antecedeu a descoberta feita em Quedlinburg, as atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas por Johann Christoph Gatterer contribuíram para fazer da Universidade de Göttingen um centro respeitável.

²⁴ Georg Christoph Hallensleben (1723-1794), diácono na Igreja de São Benedito em 1757, assume o posto do vigário após a morte de Johann Gottlieb Lindau, em 5 de abril de 1769. Ver: Klopstock Briefe, 1767-1772. Berlim; New York: De Gruyter, 1992, p. 711. Sobre esse caso, veja-se também: Journal für Prediger. Halle: Carl Christian Kümmel, vol. X/1, 1779, p. 124.

²⁵ Cf. ESKILDSEN, Kasper Risbjerg. Relics of the Past, op. cit., p. 69.

²⁶ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum den Streit über König Heinrichs des Finklers Grabmal, welches man vor kurzem in Quedlinburg gefunden haben will, betreffend, nebst denen dazu gehörigen Actenstücken und Zeichnungen. Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen. Halle: Johann Justinus Gebauer, 1770, Vol. XV, p. 14.

tado no campo de estudo das ciências históricas. A boa reputação do professor e diretor do Instituto Real de Ciências Históricas fizera do nome de Gatterer uma escolha inquestionável para arbitrar a disputa. Mas, uma vez que o acadêmico de Göttingen não poderia se deslocar com facilidade para investigar de perto as informações gravadas na pedra tumular, ele examinou o artefato por meio de reproduções. O material de que Gatterer dispunha em mãos se resumia a dois desenhos e uma descrição verbal detalhada da pedra – ao menos esta última feita certamente pelas mãos de Hallensleben.²⁷ O vigário da Igreja de São Benedito assegurou ao professor de Göttingen que os desenhos foram executados com grande “precisão matemática”²⁸ e que as linhas dispostas no papel eram congruentes com aquelas gravadas na pedra.²⁹

Os desenhos feitos à mão não se encontram mais preservados. Sabe-se, todavia, que foi sobretudo “por meio das imagens que os antiquarianistas trocaram informações sobre seus objetos de estudo” ao longo do século XVIII, conforme argumentou Giovanna Ceserani.³⁰ Não é surpreendente, portanto, que, ao mesmo tempo em que Hallensleben explorava os restos materiais do passado medieval alemão, várias técnicas foram difundidas entre os círculos antiquarianistas por meio das quais inscrições em pedra ou em metal poderiam ser reproduzidas. Decalques de moedas feitos com grafite – às vezes cobertos posteriormente com tinta – e decalques epigráficos faziam parte de várias coleções de antiguidades no período.³¹ Essas técnicas pressupunham o contato físico do suporte material da imagem com os artefatos originais decalados, de modo que o resultado gráfico da reprodução pretendia veicular uma forma de autoridade evidenciária. No entanto, o material visual que Hallensleben enviou a Göttingen não era decalques, mas sim desenhos. Assim, ao analisar a pedra encontrada em Quedlinburg, Gatterer não tinha outra alternativa senão confiar nas reproduções, da mesma forma como Meiern confiara na gravura que recebera quase quarenta anos antes.

²⁷ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 5.

²⁸ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 20.

²⁹ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 20: “Die Anzahl und der Gang der Linien auf dem Steine und die Abzeichnung ist übereinstimmig.”

³⁰ CESERANI, Giovanna. Antiquarian Transformations in Eighteenth-Century Europe. In: SCHNAPP, Alain (ed.). World Antiquarianism. Comparative Perspectives. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2013, p. 327.

³¹ Observe-se, por exemplo, a seguinte coleção de selos e moedas conservadas na Sociedade de Antiquarianistas de Londres: A Collection of Drawings of Seals and Coins Collected by the Society of Antiquaries before 1750. Society of Antiquaries of London. Número de catalogação: SAL/MS/421, 1750.

Em primeiro lugar, Gatterer examinou as inscrições de acordo com o sistema classificatório de caracteres alfábéticos que ele vinha desenvolvendo desde a década anterior.³² Considerando o conteúdo e a forma das letras do texto gravado na pedra e reproduzido em papel, ele identificou que o artefato encontrado data de pelo menos três séculos após a morte de Henrique I. Ao expor os seus argumentos, Gatterer aproveitou a oportunidade para difundir o seu método de análise paleográfica para um grande público – método que ele chamou de *Linnaeismus graphicus*.³³ Em uma segunda etapa, analisou os elementos figurativos exibidos no centro da pedra, em função dos quais concluiu que o brasão de armas corrobora, de acordo com a linguagem da heráldica, o que as inscrições também anunciam: “Aqui jaz o Cavaleiro von Hoyem”³⁴ Trata-se, portanto, da pedra tumular de um cavaleiro, e não de um rei, conforme anunciado por Hallensleben.

Antes de enviar seu parecer para a oficina de impressão, Gatterer discutiu o caso em 14 de abril de 1770 com os membros do Instituto Real de Ciências Históricas. Nesse encontro, encontrava-se presente Anton Ulrich von Erath (1709-1773), arquivista em Quedlinburg a quem Anna Amalia solicitara que corrigisse os erros introduzidos na história da Abadia escrita por Friedrich Ernst Kettner. A pedido da abadessa, Erath compilou ainda centenas de documentos diplomáticos que passaram a integrar o seu *Codex Diplomaticus Quedlinburgensis*, publicado em 1764.³⁵ Essa coleção de documentos logo ganhou respeito entre os estudiosos do século XVIII, motivo pelo qual Gatterer não tinha dúvidas de que os selos e brasões de armas da família nobre Hoyem reproduzidos no *Codex* de Erath forneceriam uma referência segura para a análise das informações visuais gravadas na pedra e enviadas a Göttingen desenhadas em papel.³⁶ Gatterer se familiarizou com esse procedimento de pesquisa durante seus estudos acadêmicos na Universidade de Altdorf e por ocasião do contato pessoal que manteve com Johann Heumann (1711-1760), professor de jurisprudência na mesma universidade e em cuja casa vivera por

32 Sobre o desenvolvimento do Linnaeismus graphicus de Gatterer, cf.: GIERL, Martin. Geschichte als präzisierte Wissenschaft, op. cit., p. 187-210.

33 GATTERER, Johann Christoph. Elementa Artis Diplomaticae Universalis. Göttingen: Vandenhoeck, 1765, p. 81-144.

34 GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 10: “Ich komme jetzt auf die Bilder. Das persönliche Bild, wenn man, wie billig, das Wappen zugleich mit reden lässt, sagt in der Bildersprache, der Hauptsache nach eben das, was die Umschrift sagt, nämlich: Hier liegt der Ritter von Hoyem begraben. (...) Kleidung und alles übrige, insonderheit aber der Degen mit dem Wehrgehänge, kündigen das Bild eines Ritters an.”

35 ERATH, Anton Ulrich von. Codex Diplomaticus Quedlinburgensis. Francofurti ad Moenum: Moeller, 1764.

36 GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 11.

três anos.³⁷ A vasta coleção de selos originais compilada por Heumann era utilizada em seus cursos para resolver disputas legais relacionadas à autenticidade de documentos manuscritos.³⁸ No entanto, se os documentos originais a serem analisados não fossem de fácil acesso, Heumann se valia de reproduções, sejam elas de selos, brasões de armas e *diplomata*.³⁹ A mesma prática de consultar reproduções de evidências documentais, produzidas por meio das mais diversas técnicas, também foi levada adiante em Göttingen.

Particularmente em seus cursos voltados para o estudo da diplomática, Gatterer fazia uso tanto de originais quanto de reproduções de documentos diplomáticos e outras categorias de inscrições antigas.⁴⁰ Sobretudo para fins de pesquisa e ensino, o professor de Göttingen colecionou centenas de manuscritos e selos medievais originais, por ele preservados ao lado de milhares de gravuras e desenhos.⁴¹ De fato, a diversidade de técnicas pelas quais as informações históricas eram registradas em cera, papel ou pergaminho fazia parte de uma estratégia didática: quando seus alunos ainda não se encontravam suficientemente familiarizados com a configuração gráfica e material dos documentos diplomáticos, Gatterer se valia de reproduções feitas por meio de desenhos ou gravuras em metal; apenas em uma etapa mais avançada do curso, aprofundavam-se questões relativas à análise de fontes históricas que não poderiam ser facilmente apreendidas através de reproduções.⁴²

³⁷ Cf. GATTERER, Johann Christoph. Praktische Diplomatik. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1799, p. 102.

³⁸ Cf. SCHNABEL, Werner Wilhelm. Johann Christoph Gatterer in Nürnberg. Über die Frühzeit des Göttinger Historikers. Jahrbuch des historischen Vereins für Mittelfranken. Ansbach: Selbstverlag des historischen Vereins für Mittelfranken, Vol. LXIII, 1992-1993, p. 78.

³⁹ Cf. GATTERER, Johann Christoph. Praktische Diplomatik, op. cit., p. 102.

⁴⁰ PÜTTER, Johann Stephan. Versuch einer academischen Gelehrten-Geschichte von der Georg-Augustus-Universität zu Göttingen. Vol. II. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1788, p. 341-342. Sobre a história da coleção particular de documentos históricos de Gatterer e sua posterior dispersão, consulte-se: PETKE, Wolfgang. Diplomaticus Apparatus. In: HOFFMANN, Dietrich; MAACK-RHEINLÄNDER, Kathrin. 'Ganz für das Studium angelegt': Die Museen, Sammlungen und Gärten der Universität Göttingen. Göttingen: Wallstein, 2001, p. 82-90.

⁴¹ PÜTTER, Johann Stephan. Versuch einer academischen Gelehrten-Geschichte..., op. cit., p. 345-346.

⁴² Cf. PÜTTER, Johann Stephan. Versuch einer academischen Gelehrten-Geschichte..., op. cit., p. 342: "Man liest aber zuerst nur Kupferstiche von Diplomen, dann aber wird auch über jede Gattung das ihr zukommende Original vorgezeigt, zumal da sich vieles nicht aus bloßen Kupfers-tichen erlernen lässt (...)."

No caso do parecer solicitado em 1770, as informações registradas originalmente na pedra foram inicialmente desenhadas em papel, como já sabemos. Pelo menos por razões materiais e paleográficas, é improvável que os dois desenhos tivessem qualquer área decalcada a partir do contato direto com o artefato encontrado por Hallensleben. Isso se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de que a pedra media mais de 2 metros de comprimento por cerca de 75 centímetros de largura.⁴³ Qualquer cópia decalcada da lápide inteira – ou mesmo apenas da área na qual se encontravam as inscrições – teria exigido que o autor gráfico dos desenhos em Quedlinburg colasse diferentes folhas de papel ou fornecesse a sequência das folhas soltas já decalcadas, algo que certamente teria sido descrito no parecer diplomático de Gatterer. Em segundo lugar – e de forma diferente do teria ocorrido nos decalques à grafite e nos decalques epigráficos –, as mãos responsáveis por desenhar o artefato e transcrever o texto da inscrição introduziram um erro no papel que não passou despercebido aos olhos treinados de Gatterer. Ao comparar a forma da letra “E” na mesma ocorrência presente tanto na transcrição da inscrição da lápide quanto no desenho, Gatterer detectou uma inconsistência na forma das letras originalmente gravadas na pedra e que agora se encontravam reproduzidas em papel. Entretanto, após destacar a incongruência na forma da escrita presente nas reproduções feitas em Quedlinburg de um ponto de vista paleográfico, o professor de Göttingen considerou tal variação irrelevante para os seus propósitos.⁴⁴ Para a questão que estava em jogo em 1770, ele já tinha informações suficientes com as quais se poderia identificar a figura representada na pedra tumular e, assim, encerrar a disputa pública divulgada na imprensa. Com argumentos fundamentados no método próprio às chamadas ciências auxiliares da História, Gatterer provou que as afirmações de Hallensleben estavam erradas.

A pedido dos membros do Instituto, Gatterer publicou seu parecer nas páginas do periódico *Allgemeine historische Bibliothek* e solicitou que o texto fosse acompanhado não apenas da descrição verbal da pedra feita por Hallensleben, mas também de uma reprodução do desenho que recebera (Figura 4).

Figura 4: “Lit. D”, in: GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., prancha inserida entre as páginas 4 e 5. Bayerische Staatsbibliothek, Munique, Número de catalogação: H. misc. 115-13/15.



⁴³ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 21: “Das Maß des Steins hält 7 ½ Fuß Länge: 2 ½ Fuß, ein wenig darüber, Breite: Die Dicke, wo er am stärksten ist, über 1 Fuß. Die Hinterseite ist sehr nachlässig behauen.”

⁴⁴ GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum..., op. cit., p. 6.

Da mesma forma que o desenho forneceu informações suficientes para que o professor de história na Universidade de Göttingen pudesse identificar a figura representada no artefato, a gravura permitiria, a um amplo público, seguir de perto os argumentos diplomáticos fundamentados no texto do parecer. Como nenhuma outra evidência parecia ter sido deixada de lado, a controvérsia em torno da pedra tumular descoberta pelo vigário da Igreja de São Benedito foi encerrada ainda em 1770. Na década seguinte, porém, detalhes até então desconhecidos das mesmas evidências materiais do passado medieval alemão foram trazidos à luz e novamente reproduzidos para um grande público com a ajuda da imprensa.

A revelação dos detalhes

Embora Anton Ulrich von Erath tenha publicado uma quantidade significativa de documentos diplomáticos no seu *Codex Diplomaticus Quedlinburgensis* impresso em 1764, diversas peças manuscritas relacionadas à história da Abadia de Quedlinburg não foram editadas e permaneciam até então inexploradas. Em menos de duas décadas, as lacunas documentais sobre o tema tornaram-se evidentes.

Na introdução a uma série de ensaios publicados em 1782 e majoritariamente dedicados à história de Quedlinburg, Gottfried Christian Voigt (1740-1791) lembra a seus leitores que o livro escrito em 1710 por Friedrich Ernst Kettner encontrava-se comprometido por conta de argumentos firmados sem lastro documental suficiente. Além disso, Kettner tratava apenas de assuntos relativos à história eclesiástica. Na avaliação de Voigt, os leitores ainda não dispunham de uma obra histórica mais abrangente.⁴⁵ Para a tarefa, Voigt se apresentava como a escolha certa, uma vez que se encontrava muito bem familiarizado com as fontes preservadas no arquivo da Abadia de Quedlinburg – para além daquelas publicadas do *Codex* de Erath – em função de suas tarefas administrativas locais e de seu interesse histórico particular por acusações de bruxaria.⁴⁶

⁴⁵ VOIGT, Gottfried Christian. *Abhandlungen über einzelne Gegenstände des Rechts und der Geschichte*. Halle: Johann Jacob Gebauer, 1782, p. 4-5.

⁴⁶ Sobre a defesa pública de Voigt contra o uso da tortura em julgamentos, sendo esta uma prática frequentemente adotada nos casos de acusação de bruxaria, cf. Voigt, 1782, p. 13. Note-se ainda que o trabalho empreendido por Voigt nos arquivos locais ficou conhecido na historiografia por apresentar estimativas, hoje consideradas desmedidas, do número de execuções de vítimas acusadas de bruxaria na Época Moderna. Cf. BEHRINGER, Wolfgang. *Neun Millionen Hexen. Entstehung, Tradition und Kritik eines populären Mythos. Geschichte in Wissenschaft und Unterricht*, v. 49, 1998, p. 667.

A intensidade da pesquisa que vinha realizando ao menos desde o início da década de 1780 se refletiu no fôlego de seu novo projeto editorial. Entre 1786 e 1791, Voigt publicou uma nova história da Abadia de Quedlinburg, dedicada a Anna Amalia e comercializada em três volumes. Além de compor uma narrativa mais abrangente sobre o assunto, agora não mais reduzido à dimensão da história eclesiástica, a obra ainda apresenta aos leitores um amplo conjunto de documentos diplomáticos inseridos no aparato crítico.⁴⁷ Com isso, Voigt procurava se aproximar dos procedimentos de pesquisa valorizados pela comunidade acadêmica setecentista.⁴⁸ Desse modo, as evidências documentais conferiam autoridade aos argumentos desenvolvidos ao longo dos três volumes.

No segundo volume, Voigt apresenta transcrições inéditas de documentos diplomáticos⁴⁹ feitas a partir ora das peças originais, ora de cópias preservadas em arquivos,⁵⁰ e retoma a controvérsia em torno da identificação da pedra tumular encontrada por Hallensleben em 1770. A descoberta já havia sido brevemente mencionada em seus escritos anteriores e no primeiro volume da nova História da Abadia de Quedlinburg.⁵¹ Ainda que não se tratasse da pedra tumular de um rei, Voigt insistia que esse artefato trazia informações históricas importantes sobre o passado medieval local. Para convencer seus leitores de tal importância já desde o primeiro volume, o autor prometeu revelar mais detalhes sobre o caso e publicar uma representação visual “mais fiel” à realidade material da pedra encontrada, “pelo menos no que diz

⁴⁷ VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. Leipzig: Im Schwickerstschen Verlage, 1787, p. 453-640.

⁴⁸ BIZZOCCHI, Roberto. Phantastische Genealogien: eine Neubestimmung. Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken, v. 96, 2016, p. 255-256.

⁴⁹ Veja-se, por exemplo: VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 453-454. Sobre a pesquisa arquivística empreendida por Voigt, consulte-se, também: WOZNIAK, Thomas. Grabinschriften und Graffiti im ehemaligen St.-Marien-Kloster auf dem Münzenberg zu Quedlinburg. Concilium medii aevi, Vol. 16, 2013, p. 33-34.

⁵⁰ VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. XI: “In einigen lateinischen Urkunden sind theils Lükken geblieben, wo die unleserlich gewordene Schrift gar nicht entzifert werden können, theils sind einige Stellen fehlerhaft abgeschrieben. Jedoch wird der Sinn im Ganzen nicht sehr darunter leiden. Für die Treue und Genauigkeit der übrigen stehe ich ein. Alle sind entweder von Urschriften, oder von archivalischen, der Urschrift fast gleich zu schätzenden Abschriften genommen.”

⁵¹ VOIGT, Gottfried Christian. Abhandlungen über einzelne Gegenstände des Rechts und der Geschichte, op. cit., p. 3; VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. I. Leipzig: Im Schwickerstschen Verlage, 1786, p. 200.

respeito às inscrições.⁵² A promessa foi cumprida por ocasião da publicação do segundo tomo, em 1787.

As condições para apresentar uma representação visual mais fiel à realidade material do artefato derivaram das ações empreendidas por Voigt para superar a dificuldade de leitura da inscrição localizada na parte superior da pedra. Após observá-la “com muito cuidado”, Voigt decidiu limpá-la cuidadosamente com água e um pincel, contando com a ajuda de amigos “muito experientes no estudo de documentos escritos”.⁵³ Aos seus olhos, o resultado era promissor. Após remover a terra que encobria parte da informação em relevo, a forma das inscrições tornou-se mais aparente, de modo a revelar novos detalhes das informações epigráficas, que por sua vez foram então reproduzidas em uma gravura (Figura 5).

As informações gravadas na pedra foram reproduzidas e divulgadas por meio de outra mídia – nesse caso, novamente uma gravura em metal, que não apresenta qualquer indicação explícita de autoria. É possível, entretanto, que a informação tenha sido gravada em metal pelo irmão de Voigt. Certo é que o resultado gráfico final da composição da imagem apresenta semelhanças e diferenças com relação à gravura que havia sido publicada juntamente com o parecer de Gatterer.

Ambas as gravuras impressas em 1770 e 1787, respectivamente, mostram as áreas hachuradas nas porções superior e inferior da imagem. Os motivos que levavam os artistas a utilizar hachuras em uma área particular da imagem eram bem conhecidos entre aqueles que frequentavam os círculos antiquarianistas setecentistas: as linhas na imagem indicavam, graficamente, a ausência de informações epigráficas ou a dificuldade em decodificá-las, normalmente devido ao desgaste material da mesma área particular dos artefatos originais reproduzidos. Note-se, assim, que a informação textual gravada na pedra é

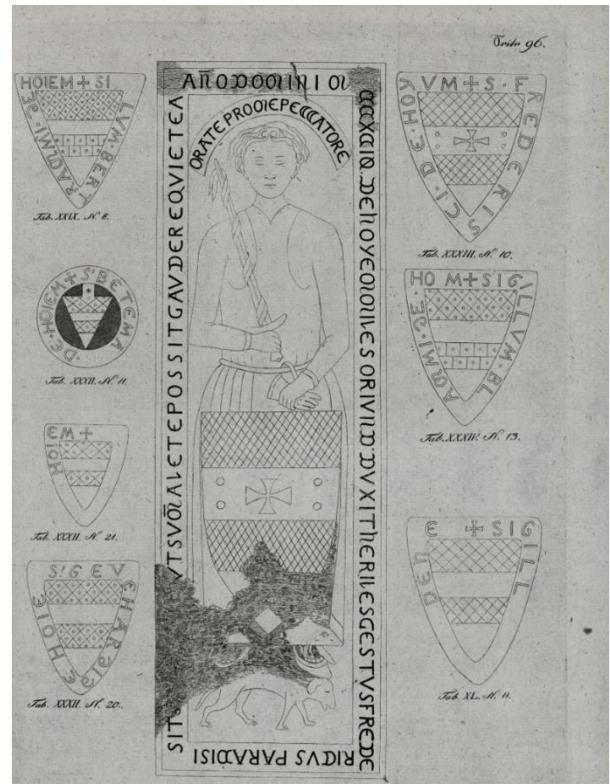


Figura 5: VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., prancha inserida entre as páginas 96 e 97. Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, Número de catalogação: 8 H SAX PR 6575:2.

⁵² VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. I. op. cit., p. 202: “Ich hoffe im folgenden Bande eine getreuere Abzeichnung davon zu liefern; wenigstens in Rücksicht der Schrift.”

⁵³ VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 91.

reproduzida com maior indicação gráfica de certeza na imagem que acompanha a obra de Voigt do que naquela inserida entre as páginas do parecer de Gatterer, como se evidencia sobretudo no canto inferior esquerdo da inscrição disposta ao redor do cavaleiro jacente. Além disso, a nova imagem tem maiores dimensões, difere da primeira também em termos de estilo e nela ainda foram incluídos novos elementos agora evidenciados tanto no escudo central quanto na área da imagem localizada acima dele. Outras diferenças ainda emergem quando se compara a forma como a figura humana e o animal se encontram representados, e como os dois gravuristas decidiram assinalar graficamente os limites materiais do artefato. Enquanto bordas e linhas são frequentemente empregadas na Época Moderna como elementos gráficos sem qualquer valor cognitivo mais significativo, é sobretudo o motivo central da nova gravura que apresenta as informações visuais que deveriam preceder a narrativa textual de Voigt. Nas palavras do autor: “Antes de mais nada, [como prometido,] coloquei o desenho mais detalhado da lápide frente aos olhos dos meus leitores para que eles possam julgar, por si mesmos, esse assunto”.⁵⁴ Na prática da leitura, porém, é a orientação das palavras de Voigt que precede o contato visual dos leitores com a imagem gravada no papel.

Nos casos em que os volumes de uma obra deveriam ser acompanhados por gravuras impressas separadamente em uma prensa calcográfica, elas eram posteriormente adicionadas pelo encadernador entre as páginas previamente indicadas ou ao final do livro.⁵⁵ Esse é o motivo pelo qual os gravadores frequentemente sinalizavam na gravura em metal a posição na obra na qual a imagem deveria ser inserida – algo que pode ser visto com clareza no canto superior direito da figura 5. Nesse caso, indica-se que a gravura deveria ser inserida após a página 96, ou seja, seis páginas após Voigt apresentar a ideia de que seus leitores deveriam ver a reprodução mais detalhada da pedra tumular para que pudessem julgar o caso por si mesmos. Uma vez que Voigt certamente sabia como os produtos da prensa de tipos móveis e da prensa calcográfica eram conjugados no período, ele já deveria desconfiar que a precedência da imagem era mais de ordem lógica do que material. Isso se explica pelo fato de que a posição na qual uma gravura em metal seria inserida no

⁵⁴ VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 90: “Zuerst lege ich meinen Lesern die versprochene genauere Abzeichnung davon vor Augen, um selbst von der Sache urtheilen zu können.”

⁵⁵ Sobre questões relacionadas ao processo de produção e encadernação das obras impressas na Época Moderna, cf.: ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna. Forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Anais do Museu Paulista, Vol. 29, 2021, p. 1-51.

volume dependeria da forma como o texto fora distribuído nas folhas de papel, ou seja, dependeria das quebras proporcionadas pela divisão do texto em cadernos impressos. Nesse sentido, a inserção da imagem após a página 96 se justifica pelo fato de que, com essa página, finaliza-se tanto o caderno de texto identificado pela assinatura “F” quanto os argumentos de Voigt sobre a descoberta da pedra tumular por Hallensleben. No entanto, como as pranchas foram inseridas manualmente no volume, elas poderiam figurar em posições inesperadas – ou ainda no tom errado.⁵⁶ As falhas percebidas por leitores na montagem dos produtos gráficos de diferentes prensas frequentemente chamaram a atenção para as características materiais dos artefatos impressos.⁵⁷ Entretanto, independentemente da posição, os detalhes revelados na imagem gravada para a obra de Voigt abrem espaço para que se possa melhor investigar o que estava em jogo quando provas documentais foram (re)produzidas e transmitidas em obras históricas do século XVIII.

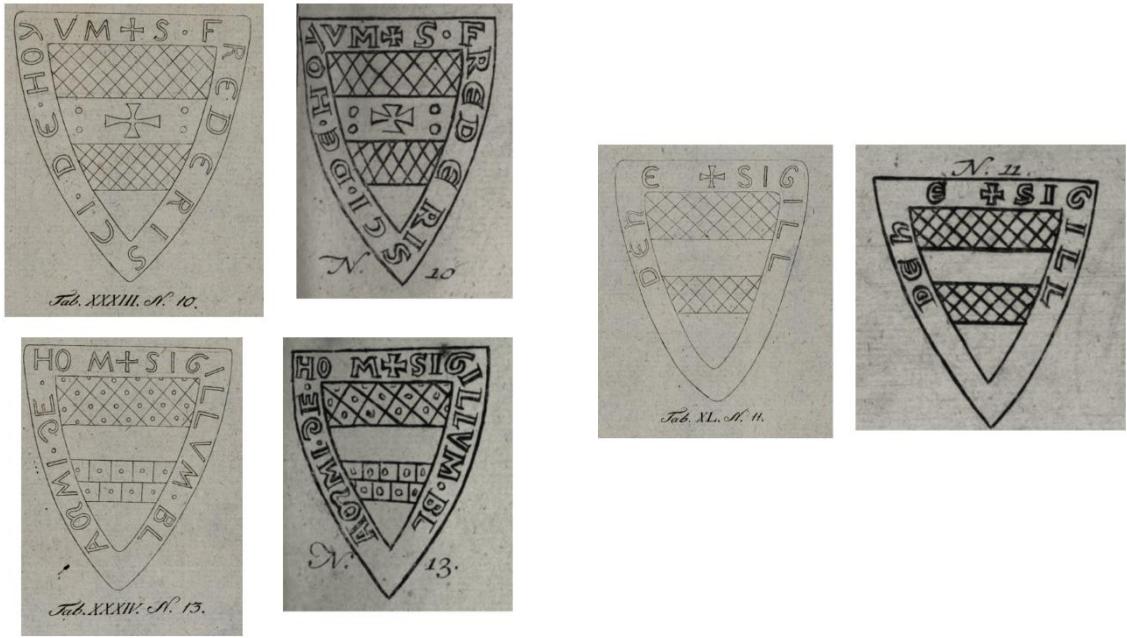
Além de representar a pedra tumular, a gravura em metal inserida na obra de Voigt inclui, a pedido do autor, sete brasões gravados ao redor do motivo central.⁵⁸ Assim, os leitores poderiam facilmente comparar as semelhanças entre as informações visuais presentes na pedra encontrada por Hallensleben e a linguagem heráldica dos escudos associados à família Hoym, conforme identificado por Gatterer. Esses brasões, por sua vez, não foram gravados em metal pelo artista frente a evidências materiais preservadas. Ao invés disso, o gravurista utilizou como referência a série de brasões e selos já impressos no *Codex Diplomaticus Quedlinburgensis* compilado por Erath e considerado por Gatterer, em 1770, como uma obra confiável. As informações textuais gravadas abaixo de cada brasão indicam o número da prancha e a imagem particular correspondente no *Codex* (Figura 6).

⁵⁶ Esse é o caso, por exemplo, de uma cópia preservada na Staatsbibliothek em Berlim. Cf. VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. III. Leipzig: Im Schwickeretschen Verlage, 1791, Número de catalogação: Tf 3520-3<a>.

⁵⁷ Para um estudo mais recente sobre como a atenção à medialidade e à materialidade de artefatos escritos cresceu na Europa entre os séculos XVII e XVIII, consulte-se: FRIEDRICH, Markus. Loss and Circumstances: How Early Modern Europe Discovered the ‘Material Text’. In: QUENZER, Jörg B. (ed.). Exploring Written Artefacts. Objects, Methods, and Concepts. Vol. 1. Berlim; Boston: De Gruyter, 2021, p. 913-932.

⁵⁸ VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 93.

Figura 6: Comparação entre os brasões de armas reproduzidos nas obras de Voigt e Erath. À esquerda: VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., prancha inserida entre as páginas 96 e 97. Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, Número de catalogação: 8 H SAX PR 6575:2. À direita: ERATH, Anton Ulrich von. Codex Diplomaticus Quedlinburgensis, op. cit., pranchas XXXIII, XXXIV e XL. Bayerische Staatsbibliothek, Munique, Número de catalogação: 2 H.mon. 64



As diferenças entre a forma dos brasões publicados no *Codex* e aqueles apresentados no livro de Voigt indicam que a segunda gravura não é uma réplica das imagens anteriores. A nova imagem, na verdade, procurou permanecer mais fiel à linguagem da heráldica do que entregar uma composição formalmente idêntica ao material visual já gravado no qual várias pranchas exibiam uma sequência de brasões, medalhas e selos. Assim, o tipo de informação valorizada pelas ciências auxiliares da História – dentre as quais se destacam a diplomática e a heráldica – não deixava de orientar o curso das linhas reproduzidas pelo artista. Tanto é que essas pranchas se configuraram como um catálogo de referências visuais através do qual os restos materiais do passado medieval de Quedlinburg puderam ser identificados.

Na Época Moderna, a heráldica tinha uma linguagem visual fortemente codificada, de modo que os brasões de armas gravados nas pranchas de Erath e Voigt representavam seus elementos, em detrimento de um artefato em particular. Assim, para identificar o cavaleiro representado no centro da pedra tumular, Voigt seguiu o método de Gatterer e tomou como referência o brasão número 10 exibido na prancha XXXIII da obra de Erath. Após comparar, em primeiro lugar, o brasão disponível no *Codex* com os elementos recentemente revelados da pedra tumular reproduzidos na gravura de 1787 e, em segundo lugar, o estilo das inscrições, Voigt não chegou a uma conclusão diferente daquela apresentada pelo professor da Universidade de Göttingen

dezessete anos antes. Trata-se da pedra tumular de Friedrich von Hoym, o velho, falecido provavelmente em 1299.⁵⁹ “A opinião do Sr. Gatterer, que apresentei no primeiro volume (...), é, portanto, muito bem fundamentada, e seu julgamento – tanto quanto ele pôde fazer a partir do desenho imperfeito e incompleto – foi adequado”, conclui Voigt.⁶⁰

A rigor, os desenhos da lápide enviados a Göttingen eram desconhecidos de Voigt. O que ele viu e julgou imperfeito foi a imagem gravada, feita a partir de um dos desenhos que circulou juntamente com o parecer de Gatterer sobre a disputa pública deflagrada em 1770. Nessa perspectiva, os desenhos e a gravura eram considerados infiéis à realidade material do artefato que eles representavam. Esse era o motivo pelo qual Voigt havia encomendado uma nova gravura, que tinha por objetivo apresentar a extraordinária descoberta arqueológica feita por Hallensleben, assim como também o resultado do esforço que ele empreendera para revelar detalhes previamente desconhecidos da peça encontrada. Ao confrontar informações gravadas em diferentes anos, em distintas mídias e feitas por meio de técnicas diversificadas – a saber: pedra, papel, desenho e gravura –, pode-se afirmar que a prancha de Voigt tem o efeito de destacar os mecanismos de (re)produção e transmissão de evidências documentais para o conhecimento histórico do século XVIII. Nesse sentido, a evidência documental mais significativa para os propósitos deste artigo são as gravuras do século XVIII e os livros nos quais elas circulavam, vistos aqui como artefatos.

Replicando o passado

Poucos dias antes que o parecer de Gatterer sobre a pedra tumular descoberta em Quedlinburg fosse apresentado e discutido no Instituto Real de Ciências Históricas, a imprensa local anunciou os cursos que o professor ofereceria na Universidade de Göttingen durante o semestre de verão de 1770. Por meio de anúncios públicos dessa ordem, várias universidades alemãs tentaram atrair novos estudantes interessados em seguir as preleções de seus

59 VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 94. Pesquisas históricas mais recentes confirmam a identificação do cavaleiro com a figura de Friedrich von Hoym. Ver: WOZNIAK, Thomas. Grabinschriften und Graffiti im ehemaligen St.-Marien-Kloster auf dem Münzenberg zu Quedlinburg, op. cit., p. 79; WOZNIAK, Thomas. Quedlinburg im 14. und 16. Jahrhundert. Ein sozialtopographischer Vergleich. Berlim: Akademie Verlag, 2013.

60 VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. op. cit., p. 95: “Die Meinung des Herrn Gatterers, welche ich im ersten Bande zweihunderte Seite angeführt habe, ist also sehr begründet, und sein Urtheil – so viel er auch der unvollenen Zeichnung abnehmen konnte – der Sache sehr wohl angemessen gewesen.”

docentes, especialmente daqueles mais reconhecidos e valorizados pela comunidade acadêmica.⁶¹ Esse certamente era o caso de Gatterer.

No final da década anterior, a Universidade de Göttingen havia se tornado um centro respeitado na produção de conhecimento histórico, e foi nesse contexto que o trabalho acadêmico de Gatterer se destacou. Suas atividades regulares de ensino – como aquelas anunciadas nas páginas do periódico *Göttingische Anzeigen von Gelehrten Sachen* em 26 de março de 1770 – confirmam a crescente importância do ambiente institucional nos quais se estudava questões relacionadas à autenticidade e à identificação de documentos históricos nos territórios alemães nas últimas décadas do século XVIII. No semestre de verão de 1770, Gatterer procurou familiarizar seus alunos com o estudo da diplomática durante as manhãs, enquanto os interessados em história universal podiam acompanhar suas preleções à tarde.⁶² De fato, do ponto de vista historiográfico, os cursos sobre diplomática por Gatterer oferecidos até o final da sua vida⁶³ desempenharam um papel central no estabelecimento das ciências auxiliares da História como parte dos estudos universitários.⁶⁴ Esses cursos, por sua vez, eram baseados em seus manuais.

Na época em que Gatterer publicou seu parecer sobre a pedra tumular, seus cursos regulares sobre o estudo da diplomática acompanhavam os argumentos desenvolvidos na sua obra intitulada *Elementa Artis Diplomaticae Universalis*,⁶⁵ publicada em formato *in-quarto* em 1765. A publicação do professor alemão foi elogiada em um periódico britânico como “infinitamente superior em plano e execução ao trabalho, sobre o mesmo assunto, publicado pelos Beneditinos na França”.⁶⁶ Independentemente das diferenças entre os planos dos títulos alemão e francês, ambos circularam acompanhados por diversas ilustrações. As pranchas gravadas para os *Elementa* de Gatterer apresentam

61 Sobre as funções dos anúncios dos cursos universitários das universidades alemãs na Época Moderna, consulte-se: RASCHE, Ulrich. Seit wann und warum gibt es Vorlesungsverzeichnisse an den deutschen Universitäten? *Zeitschrift für Historische Forschung*, 2009, vol. XXXVI, p. 445–478.

62 *Göttingische Anzeigen von Gelehrten Sachen*. Göttingen: Johann Albrecht Barmeier, Vol. XXXVII, 1770, p. 316-317.

63 Em 16 de março de 1799, a Universidade de Göttingen fez o último anúncio público dos cursos Gatterer, por sua vez dedicados à heráldica, à geografia, à cronologia, à numismática, à genealogia e à diplomática. Gatterer não chega a oferecer o curso anunciado sob o título de “Encyclopédia Histórica”, uma vez que ele morre no início do semestre acadêmico de verão. Cf. *Göttingische Anzeigen von Gelehrten Sachen*. Göttingen: Johann Christian Dieterich, Vol. XLIII, 1799, p. 428.

64 Cf. DORNA, Maciej. Mabillon und andere, op. cit., p. 235-240; GIERL, Martin. Geschichte als präzisierte Wissenschaft, op. cit., p. 128-153; ARAÚJO, André de Melo. Diplomatik, op. cit.

65 GATTERER, Johann Christoph. *Elementa Artis Diplomaticae Universalis*. Göttingen: Vandenhoeck, 1765.

66 *The Critical review, or, Annals of literature*. London, vol. XXXIII, March 1772, p. 264.

coleções de alfabetos, monogramas e outras características gráficas através das quais se poderia identificar os documentos diplomáticos antigos e investigar questões relacionadas à autenticidade dessas peças.

Após anos dedicados ao estudo do tema, Gatterer expressa a intenção de apresentar, a um grande público, uma obra mais abrangente sobre a diplomática nos termos de uma ciência auxiliar da história, uma vez que ele considerava o texto de seu manual publicado pela primeira vez em 1765 como inacabado.⁶⁷ O resultado desse esforço de pesquisa e ensino acumulado por décadas a fio foi levado à prensa em 1798. O texto novo manual, intitulado *Abriss der Diplomatik* e produzido no formato *in-octavo*, circulou acompanhado por doze pranchas com gravuras em metal impressas, todavia, em papel de maior formato. As dimensões das pranchas – dobradas mais de uma vez e frequentemente inseridas ao final do volume – fornecem pistas relacionadas à função que as imagens ocupam na obra, assim como também quanto a sua origem.

Quando Gatterer finalizou o texto dessa última versão mais abrangente de seus estudos sistemáticos sobre a diplomática, ele enviou o manuscrito para o mesmo editor em cuja oficina o seu manual anterior sobre o mesmo assunto fora impresso em formato *in-quarto*. Portanto, não é surpreendente que as pranchas que circularam em 1798 dentro das páginas do *Abriss der Diplomatik* sejam, na verdade, uma reimpressão daquelas originalmente gravadas em 1765 para a obra do mesmo autor *Elementa Artis Diplomaticae Universalis*. As matrizes das gravuras foram cuidadosamente guardadas e enviadas em diferentes ocasiões para a prensa calcográfica, como evidenciado pelo uso de estoques de papel distintos no momento das duas impressões.⁶⁸ Aos olhos de Gatterer, as gravuras impressas originalmente para o manual que circulou a partir de 1765 pareciam ainda cumprir perfeitamente suas funções mais de três décadas mais tarde.

⁶⁷ GATTERER, Johann Christoph. *Abriss der Diplomatik*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1798, “Vorrede”: “(...) ich möchte das Publikum in den Stand setzen, mein ganzes diplomatisches Lehrgebäude überschauen zu können, da meine bisherigen Bücher über die Diplomatik unvollendet sind (...).”

⁶⁸ Verifique-se, por exemplo, o papel utilizado nas cópias existentes de ambas as obras preservadas em Berlim: GATTERER, Johann Christoph. *Elementa Artis Diplomaticae Universalis*, op. cit., Staatsbibliothek zu Berlin – Preußischer Kulturbesitz, Número de catalogação: Pg 5620-1. GATTERER, Johann Christoph. *Abriss der Diplomatik*, op. cit. Staatsbibliothek zu Berlin – Preußischer Kulturbesitz, Número de catalogação: Pg 5730.

Como era frequentemente o caso de coleções de alfabetos, monogramas, medalhas e selos reproduzidos em papel, as pranchas que inicialmente circularam nos *Elementa* justapõem elementos visuais de diplomas medievais com um propósito predominantemente classificatório. Elas foram gravadas ora a partir da observação empírica do material original, ora da observação de gravuras previamente publicadas em obras respeitadas, incluindo os títulos sobre o mesmo assunto de autoria dos beneditinos franceses. Nesse sentido, as pranchas inseridas nos manuais de Gatterer de 1765 e 1798 voltados ao estudo da diplomática mais apresentam referências visuais, do que representam integralmente documentos diplomáticos particulares.

Ocorre que, ao refletir sobre a estrutura de seus manuais sobre a diplomática numa fase mais avançada da vida, Gatterer sentiu a necessidade de apresentar não apenas um sistema geral, mas também de familiarizar seus leitores com questões metodológicas envolvidas na análise de casos particulares. Em 1799, ele publicou, portanto, um volume suplementar ao texto datado do ano anterior, volume este intitulado *Praktische Diplomatik* (diplomática prática). Para o novo volume, Gatterer encomendou reproduções em grande formato de alguns documentos diplomáticos particulares. E foi nessa obra que o seu parecer sobre a pedra tumular descoberta em 1770 foi publicado novamente, acompanhado da gravura correspondente (Figura 7).⁶⁹

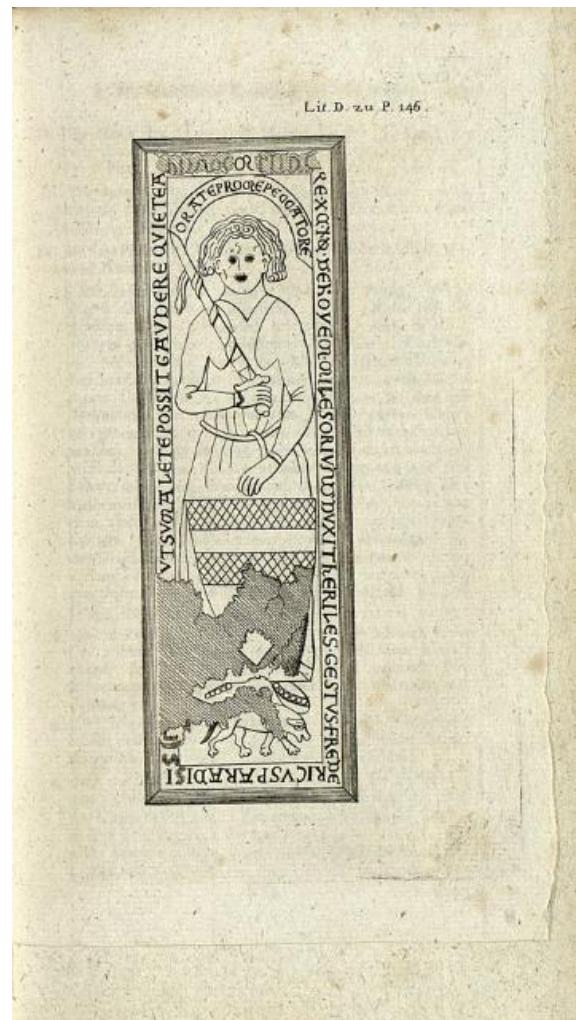
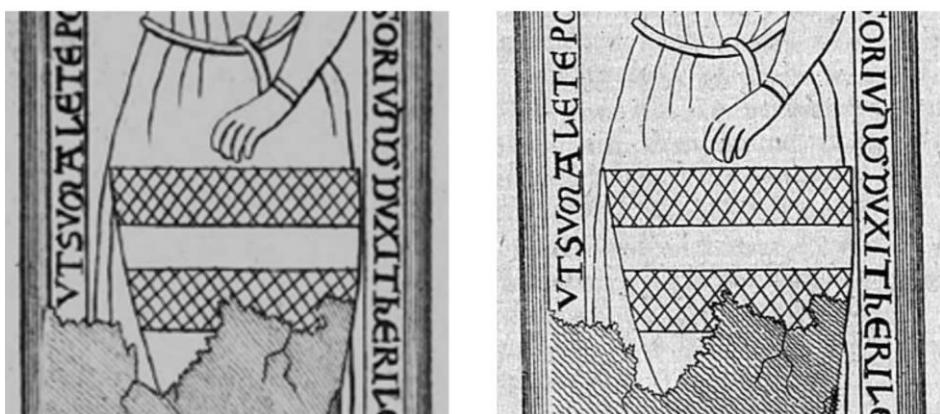


Figura 7: GATTERER, Johann Christoph. Praktische Diplomatik, op. cit., prancha inserida entre as páginas 146 e 147. Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, Número de catalogação: 8 H SUBS 2020.

69 GATTERER, Johann Christoph. Praktische Diplomatik, op. cit., p. 132-152.

A despeito da ausência da linha em torno do motivo central (cf. Figura 4) e das informações distintas deixadas pelos gravadores ao encadernador em 1770 e 1799, a gravura destinada a circular na obra *Praktische Diplomatik* de Gatterer parece, à primeira vista, idêntica àquela impressa anteriormente. Embora as imagens gravadas no papel tenham as mesmas dimensões em ambas as obras, pequenas diferenças surgem quando se observa, principalmente, as áreas hachuradas (Figura 8).



Essas pequenas diferenças são provas da notável precisão com que um artista produziu, em 1799, uma réplica da gravura originalmente gravada a partir dos desenhos da lápide enviados por Hallensleben a Göttingen no ano de 1770. Uma vez que o objetivo de Gatterer era permitir que os leitores seguissem de perto seus argumentos e testemunhassem sua autoridade no campo de estudo da diplomática, não deveria haver distinção entre as duas gravuras. Dentro do contexto editorial e acadêmico do manual publicado em 1799, a imagem tinha uma função didática preponderante: ela serviu mais aos propósitos de ilustrar um método, do que de representar o estado de preservação atual de um artefato medieval.

É muito possível que Gatterer desconhecesse as medidas tomadas por Voigt na década de 1780 para superar as dificuldades de leitura das inscrições gravadas na pedra. A história em três volumes da Abadia de Quedlinburg escrita por Voigt não se encontra listada na coleção particular de livros de Gatterer que foi levada à leilão após a sua morte.⁷⁰ Embora a Biblioteca da Universidade de Göttingen tenha adquirido prontamente uma cópia da obra, não é

Figura 8: À esquerda:
GATTERER, Johann
Christoph. J. C.
Gatterers diplomatisches
Responsum..., op. cit.,
prancha inserida entre as
páginas 4 e 5. Bayerische
Staatsbibliothek,
Munique, Número de
catalogação: H. misc. 115-
13/15. À direita:
GATTERER, Johann
Christoph. Praktische
Diplomatik, op. cit.,
prancha inserida entre as
páginas 146 e 147.
Niedersächsische Staats-
und
Universitätsbibliothek
Göttingen, Número de
catalogação: 8 H SUBS
2020.

⁷⁰ Verzeichniß derjenigen Bücher aus allen Wissenschaften, welche aus der vom verstobenen Ho-
frath und Professor Gatterer zu Göttingen nachgelassenen Bibliothek (...) verkauft werden sollen.
Göttingen: Johann Christian Dieterich, 1800.

certo que os novos volumes chamaram sua atenção.⁷¹ É certo, porém, que os novos detalhes da lápide revelados em 1787 não modificariam as conclusões apresentadas pelo diretor do Instituto Real de Ciências Históricas em 1770, sendo este o motivo pelo qual a gravura replicada em 1799 ainda cumpria sua função. Ocorre que essa não foi a primeira vez que a gravura original foi replicada para atender a propósitos didáticos nas últimas décadas do século XVIII.

Três anos antes de Voigt ver o primeiro volume de sua *História da Abadia de Quedlinburg* levado à prensa, Gregor Maximilian Gruber (1739-1799) publicou em Viena um manual de diplomática, que circulou em três volumes. Enquanto o primeiro volume se concentrava em questões teóricas, o segundo adotou uma abordagem mais prática: Gruber aprofundou o trabalho nos arquivos e incluiu alguns estudos sobre documentos particulares analisados de acordo com as regras da diplomática. Esse era o caso do parecer de Gatterer sobre a pedra tumular encontrada em Quedlinburg. Gruber afirma ter escolhido esse caso particular para inserir de forma exemplar em seu manual, uma vez que se poderia “confiar com segurança no [pensamento] completamente sistemático [de] Gatterer”, por ele considerado como uma autoridade insuperável nesse campo de estudos. Além disso, Gatterer analisou o artefato de acordo com o que se dispunha nos seus *Elementa Artis Diplomaticae Universalis*, manual no qual Gruber se apoiara fortemente.⁷²

De fato, o primeiro volume impresso em Viena apresentava algumas das referências visuais já gravadas para o trabalho de Gatterer em 1765. Mas como o professor de Göttingen ainda não havia lançado um livro sobre diplomática prática quase duas décadas depois, Gruber decidiu se antecipar na tarefa.⁷³ Juntamente com os casos selecionados descritos no segundo volume – mais uma vez prontamente adquirido pela Biblioteca da Universidade de

⁷¹ Um exemplar da obra de Voigt foi adquirido na Feira de Páscoa de 1787 e fornecido à Biblioteca da Universidade de Göttingen pela livraria Dieterich. Expresso aqui a minha gratidão a Cornelia Pfördt e aos demais bibliotecários e bibliotecárias da Biblioteca da Universidade de Göttingen pelas informações prestadas sobre a proveniência deste exemplar.

⁷² GRUBER, Gregor. *Lehrsystem einer allgemeinen Diplomatik vorzüglich für Oesterreich und Deutschland...* Wien: In der Joh. Paul Kraußischen Buchhandlung, Vol. II, 1783, p. 293-294: “Wir wählen dieses Beyspiel aus verschiedenen Ursachen um desto lieber, einmal: weil wir uns auf den gründlich systematischen Gatterer, der in diesem Fache kaum seines Gleichen hat, sicher verlassen können; zweitens: weil er diesen ganzen Streit nach seinem diplomatischen Lehrbuche, was wir eben bey dieser unserer Einleitung Grund gelegt haben, ganz ordentlich gelassen und faßlich belegt.”

⁷³ Cf. GRUBER, Gregor. *Lehrsystem einer allgemeinen Diplomatik vorzüglich für Oesterreich und Deutschland...* Wien: In der Joh. Paul Kraußischen Buchhandlung, Vol. I, 1783, p. 5r.

Göttingen⁷⁴ –, Gruber incluiu uma prancha na qual se encontram representados trechos de diplomas medievais em torno de uma nova reprodução da lápide. E como foi o caso da obra *Praktische Diplomatik* de Gatterer em 1799, a imagem gravada pela primeira vez em 1770 foi replicada para fins didáticos no manual de Gruber. Entretanto, o artista mobilizado em 1783 esqueceu de replicar uma letra no centro da inscrição superior, introduzindo um erro no registro visual (Figura 9). Erros deste tipo poderiam comprometer a exatidão dos argumentos impressos, sendo essa a razão pela qual a reprodução de provas documentais exigia mãos habilidosas e olhos treinados.



Figura 9: GRUBER, Gregor. Lehrsystem einer allgemeinen Diplomatik vorzüglich für Oesterreich und Deutschland... Wien: In der Joh. Paul Kraußischen Buchhandlung, Vol. II, 1783. Universitätsbibliothek der Freien Universität Berlin, Número de catalogação: 17 E 86-2.

Quando Gatterer enviou o manuscrito da obra *Praktische Diplomatik* ao editor, ele não apresentou objeções ao fato de que a placa gravada em 1770 seria replicada. Em contrapartida, expressou reservas quanto ao texto. Já em 1770, Gatterer estava bem ciente de que as coisas poderiam dar errado na oficina de impressão. Em 6 de outubro, o professor da Universidade de Göttingen solicitou a seu editor que se empregasse “um corretor muito experiente e

⁷⁴ A Biblioteca da Universidade de Göttingen adquiriu um exemplar do trabalho de Gruber por meio da livraria Dieterich.

atento”,⁷⁵ a fim de evitar erros de impressão na décima quinta edição do periódico *Allgemeine historische Bibliothek*. A caligrafia tortuosa de parte do material apresentado justificava a preocupação.

Na época da prensa manual, autores e editores confiaram no intenso trabalho dos corretores, que por sua vez se encarregaram de estabelecer textos confiáveis.⁷⁶ Entretanto, a falta de conhecimento paleográfico do compositor e a ausência de tipos móveis precisos para imprimir todas as letras antigas incluídas no manuscrito do parecer de Gatterer levou à introdução de erros (tipo)gráficos. Esses erros eram de natureza inusitada, pois somente os olhos treinados daqueles que tinham conhecimento sobre a forma como os registros escritos deixavam traços significativos ao longo do tempo teriam a capacidade de identificá-los e corrigi-los. Para representar as letras neogóticas C e D no texto publicado em 1770, o compositor escolheu os símbolos utilizados para ilustrar diferentes fases da lua. Além disso, inseriu uma letra do alfabeto hebraico no local onde a letra neogótica N deveria ter sido impressa (Figura 10). A distância geográfica entre a oficina de impressão de Johann Justinus Gebauer (1710-1772) em Halle, na Saxônia, e a cidade universitária

Wir wollen jetzt die Schriften des Grabmals von einer andern Seite ansehen. Sie hat 5. völlig neu-gothische Buchstaben, nämlich C, D, H, O, N, (c, d, h, m, n), und einen halb-neugothischen, nämlich E, nach der Zeichnung der Schrift im Grabmal selbst (sub Lit. D.); aber nach der Zeichnung der Buchstaben in der Hallenslebenschen Erläuterung (sub Lit. E.) sind die E völlig neugothisch (E). Doch hierauf kommt es hier nicht an. Genug der vierte

Wir wollen aber jetzt die Schriften des Grabmals von einer andern Seite ansehen. Sie hat 5 völlig Neugothische Buchstaben, nämlich α, ω, h, O, Ω (c, d, h, m, n), und einen halb-neugothischen, nämlich E nach der Zeichnung der Schrift im Grabmal selbst, s. Beyl. D; aber nach der Zeichnung der Buchstaben in der Hallenslebenschen Erläuterung in der Beyl. E, sind die E völlig Neugothisch, nämlich so E. Doch

⁷⁵ GATTERER, Johann Christoph. Brief von Johann Christoph Gatterer aus Göttingen, 06.10.1770. Verlagsarchiv Gebauer & Schwetschke. Stadsarchiv Halle (Saale). Número de catalogação: A 6.2.6 Nr. 10753 (Caixa n. 42), 1770: “Ich wünsche sehr, daß der 15te Theil der allgem. histor. Bibliothek je eher fertig werden möchte. Zu diesem Ende schicke ich hier noch etwas. Es ist von einem Gelehrten, der eine ziemlich unleserliche Hand hat, und erfordert daher einen sehr aufmerksamen und geübten Corrector, wenn nicht Druckfehler entstehen sollen. Im fall, daß noch mehr zum 15ten Bande nöthig ist, erwarte ich schleunige Nachricht.”

⁷⁶ O trabalho dos corretores foi de grande importância para a produção de obras impressas na Época Moderna, mesmo que a presença desta figura não fosse regular em todas as oficinas de impressão. No século XVII, por exemplo, Hieronymus Hornschuch (1573-?) publicou um tratado destinado a autores e corretores com o objetivo de reduzir os erros mais frequentes que surgiam durante o processo de produção de livros no período. Cf. Hornschuch, 1634. Sobre o papel dos corretores na produção de obras impressas entre os séculos XV e XVIII, consulte-se: GRAFTON, Anthony. *The Culture of Correction in Renaissance Europe*. London: The British Library, 2011; McKITTERICK, David. *Print, Manuscript and the Search for Order, 1450–1830*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 117-130.

Figura 10: À esquerda:
GATTERER, Johann
Christoph. J. C.
Gatterers
diplomaticus
Responsum..., op. cit.,
p. 6. Bayerische
Staatsbibliothek,
Munique, Número de
catalogação: H. misc.
115-13/15. À direita:
GATTERER, Johann
Christoph. Praktische
Diplomatik, op. cit., p.
135. Niedersächsische
Staats- und
Universitätsbibliothek
Göttingen, Número de
catalogação: 8 H SUBS
2020.

de Göttingen dificultou a correção rápida das provas, de modo que o texto circulou com erros.

Ocorre que, ao final do século XVIII, a análise da pedra tumular feita por Gatterer continuava adequada para ser incluída em seu novo manual de diplomática prática. Todavia, frente à oportunidade de publicar o texto novamente, Gatterer se valeu da oportunidade para corrigir “alguns erros de impressão importantes”, em particular a forma das “letras neogóticas, em função das quais a datação [da pedra tumular] dependia fundamentalmente”. Algumas letras encontravam-se “completamente deformadas”, segundo a avaliação do professor então já septuagenário.⁷⁷ No entanto, os erros introduzidos ao reproduzir provas documentais não eram um produto exclusivo das prensas calcográfica ou daquela de tipos móveis.

Como argumentado, inconsistências paleográficas vieram à tona quando Gatterer comparou os desenhos da pedra tumular, por um lado, com a reprodução de suas inscrições, por outro. O que chamou a sua atenção foi a forma da letra “E” em um ponto particular do artefato descoberto em Quedlinburg, forma esta que não era consistente entre os registros enviados a Göttingen. Mas ainda que Gatterer tenha suplantado essa inconsistência ao analisar o caso em 1770, o compositor de seu parecer na oficina de impressão em Halle não conseguiu colocar o argumento paleográfico de Gatterer corretamente no papel. De fato, os leitores do periódico *Allgemeine historische Bibliothek* não puderam ver as diferenças encontradas por Gatterer, uma vez que o mesmo tipo de metal foi usado para representar duas formas distintas da letra “E” (cf. Figura 10, linhas 5 e 9 dos textos de 1770 e 1799). Os leitores não podiam, assim, acompanhar graficamente os seus argumentos. Desse modo, quando o texto do parecer foi levado mais uma vez à prensa, Gatterer sabia o que a oficina de impressão precisava fazer. Segundo suas observações diplomáticas, diferentes tipos móveis tinham que ser utilizados.

No final do século XVIII, a oficina de impressão encarregada de publicar os manuais de Gatterer *Abriss der Diplomatik* (1798) e *Praktische Diplomatik* (1799) pôde seguir de perto as instruções do autor de Göttingen. As formas distintas

⁷⁷ GATTERER, Johann Christoph. Praktische Diplomatik, op. cit., p. 152: “Dieses Responsum hab ich einem, aus Quedlinburg erhaltenen Auftrag zu Folge ausgearbeitet. Gedruckt steht es zwar schon im 15ten Bande der allgemeinen historischen Bibliothek S. 1-30; aber da einige Hauptdruckfehler (es wurde zu Halle gedruckt) eingeschlichen sind, und insonderheit die Neugothischen Buchstaben, auf die es bey der Bestimmung des Alters hauptsächlich ankam, ganz verunstaltet sind: denn das Neugothische C und D drückte der Sezer durch die Kalenderzeichen der Mondsviertel, und das Neugothische N durch den letzten Buchstaben des Hebräischen Alphabets aus; so war auch um desswillen schon ein wiederholter, verbesserter Druck dieses Responsums nöthig.”

da letra “E” foram corrigidas no texto novamente impresso do parecer (Figura 10). Além disso, foram utilizados tipos móveis distintos. Três décadas antes, o texto circulou na décima quinta edição do periódico *Allgemeine historische Bibliothek* impresso com tipos móveis góticos (Fraktur). Nesse momento, a editora em Halle havia seguido uma tendência desenvolvida por várias oficinas de impressão na Época Moderna, tendências estas aconselhadas em muitos manuais de impressão do período, como é o caso do manual de Johann Heinrich Gottfried Ernesti.⁷⁸ Em contrapartida, os textos ligados à tradição textual latina eram frequentemente impressos com tipos móveis latinos.

Ao preparar os manuscritos de seus dois últimos manuais sobre diplomática, Gatterer solicitou que ambos os volumes fossem impressos com tipos latinos, em detrimento dos góticos. No prefácio datado de 20 de outubro de 1797, ele fundamentou sua escolha com argumentos diplomáticos: os tipos góticos não são letras verdadeiramente germânicas, segundo seu estudo histórico das formas caligráficas. Portanto, Gatterer não se viu na posição de escolher entre os tipos latinos e os tipos góticos, mas sim entre uma forma genuinamente latina e outra miseravelmente artificial.⁷⁹ Tal escolha tipográfica é um testemunho da consciência de Gatterer sobre as escolhas operadas em uma oficina de impressão. Aqui, defendo que é necessário ampliar essa consciência ao se analisar os artefatos impressos e manuscritos da Época Moderna, uma vez que eles são a prova no papel dos mecanismos de (re)produção e transmissão do conhecimento.

Referências bibliográficas

A Collection of Drawings of Seals and Coins Collected by the Society of Antiquaries before 1750. Society of Antiquaries of London. Número de catalogação: SAL/MS/421, 1750.

⁷⁸ ERNESTI, Johann Heinrich Gottfried. Die Wol-eingerichtete Buchdruckerey, mit hundert und achtzehn Teutsch- Lateinisch- Griechisch- und Hebräischen Schriften... Nürnberg: Johann Andrea Endters, 1721. Sobre os manuais de impressão na Época Moderna, consulte-se: ARAÚJO, André de Melo. O conhecimento impresso. Práticas editoriais e estratégias comerciais nos manuais de impressão da Época Moderna. *Vária História*, Vol. 36, 2020, p. 53-90.

⁷⁹ GATTERER, Johann Christoph. Abriss der Diplomatik, op. cit., “Vorrede”: “(...) diejenigen [Buchstaben], die wir Teutsch nennen, sind verdorbene Lateinische aus dem spizfindigen Neugothischen Zeitalter. Es war also hier nicht Wahl zwischen Teutschen und Lateinischen Buchstaben, sondern zwischen acht Lateinischen und elend verkünstelten.”

- ARAÚJO, André de Melo. Weltgeschichte in Göttingen. Eine Studie über das spätaufklärerische universalhistorische Denken, 1756-1815. Bielefeld: transcript, 2012.
- ARAÚJO, André de Melo. Por amor à verdade. Autenticidade documental e utilidade do conhecimento histórico iluminista. In: CORTI, Paola; MORENO, Rodrigo; WIDOW, José Luis (eds.). La utilidad de la historia. Gijón: Ediciones Trea, 2018, p. 251-265.
- ARAÚJO, André de Melo. Diplomatik. In: Encyclopedia of Early Modern History. Stuttgart; Leiden: Metzler; Brill, 2020.
- ARAÚJO, André de Melo. O conhecimento impresso. Práticas editoriais e estratégias comerciais nos manuais de impressão da Época Moderna. *Vária História*, Vol. 36, 2020, p. 53-90.
- ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna. Forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. *Anais do Museu Paulista*, Vol. 29, 2021, p. 1-51.
- ARAÚJO, André de Melo. Transmediating Historical Artifacts. Johann Christoph Gatterer's Works on Diplomatics and the Reproduction of Documentary Evidence for Eighteenth-Century Historical Research. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie IV: Historia Moderna*, vol. 35, 2022, p. 129-156.
- BEHRINGER, Wolfgang. Neun Millionen Hexen. Entstehung, Tradition und Kritik eines populären Mythos. Geschichte in Wissenschaft und Unterricht, v. 49, 1998, p. 664-685.
- BIZZOCCHI, Roberto. Phantastische Genealogien: eine Neubestimmung. Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken, v. 96, 2016, p. 245-263.
- BODARWÉ, Katrinette. Heinrich, Mathilde oder Otto – Wer gründete das Stift Quedlinburg? In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 181-193.
- CESERANI, Giovanna. Antiquarian Transformations in Eighteenth-Century Europe. In: SCHNAPP, Alain (ed.). World Antiquarianism. Comparative Perspectives. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2013, p. 317-342.
- DORNA, Maciej. Mabillon und andere. Die Anfänge der Diplomatik. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2019.
- DRECHSLER, Heike. Zur Grablege Heinrichs I. in Quedlinburg. *Archiv für Diplomatik*, vol. 46, 2000, p. 155-179.
- EHLERS, Joachim. Heinrich I. in Quedlinburg. In: ALTHOFF, Gerd; SCHUBERT, Ernst (eds.). Herrschaftsrepräsentation im ottonischen Sachsen. Sigmaringen: Thorbecke, 1998, p. 235-266.

- ERATH, Anton Ulrich von. *Codex Diplomaticus Quedlinburgensis.* Francofurti ad Moenum: Moeller, 1764.
- ERNESTI, Johann Heinrich Gottfried. *Die Wol-eingerichtete Buchdruckerey, mit hundert und achtzehn Teutsch- Lateinisch- Griechisch- und Hebräischen Schriften...* Nürnberg: Johann Andrea Endters, 1721.
- ESKILDSEN, Kasper Risbjerg. Relics of the Past: Antiquarianism and Archival Authority in Enlightenment Germany. *Storia della Storiografia*, vol. 68, n. 2, 2015, p. 69-81.
- ESKILDSEN, Kasper Risbjerg. *Modern Historiography in the Making: The German Sense of the Past, 1700-1900.* London: Bloomsbury Academic, 2022.
- FRIEDRICH, Markus. Loss and Circumstances: How Early Modern Europe Discovered the ‘Material Text’. In: QUENZER, Jörg B. (ed.). *Exploring Written Artefacts. Objects, Methods, and Concepts.* Vol. 1. Berlim; Boston: De Gruyter, 2021, p. 913-932.
- GATTERER, Johann Christoph. *Elementa Artis Diplomaticae Universalis.* Göttingen: Vandenhoeck, 1765.
- GATTERER, Johann Christopher. Vorrede. *Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen.* Halle: Johann Justinus Gebauer, 1767, Vol. I, p.)(2r-)(6v).
- GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers diplomatisches Responsum den Streit über König Heinrichs des Finklers Grabmal, welches man vor kurzem in Quedlinburg gefunden haben will, betreffend, nebst denen dazu gehörigen Actenstücken und Zeichnungen. *Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen.* Halle: Johann Justinus Gebauer, 1770, Vol. XV, p. 3-30.
- GATTERER, Johann Christoph. Brief von Johann Christoph Gatterer aus Göttingen, 06.10.1770. Verlagsarchiv Gebauer & Schwetschke. Stadtsarchiv Halle (Saale). Número de catalogação: A 6.2.6 Nr. 10753 (Caixa n. 42), 1770.
- GATTERER, Johann Christoph. *Abriss der Diplomatik.* Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1798.
- GATTERER, Johann Christoph. *Praktische Diplomatik.* Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1799.
- GIERL, Martin. Geschichte als präzisierte Wissenschaft. Johann Christoph Gatterer und die Historiographie des 18. Jahrhunderts im ganzen Umfang. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2012.
- Göttingische Anzeigen von Gelehrten Sachen. Göttingen: Johann Albrecht Barmeier, Vol. XXXVII, 1770.
- Göttingische Anzeigen von Gelehrten Sachen. Göttingen: Johann Christian Dieterich, Vol. XLIII, 1799.

- GRAFTON, Anthony. *The Culture of Correction in Renaissance Europe*. London: The British Library, 2011.
- GRAFTON, Anthony. *Inky Fingers. The Making of Books in Early Modern Europe*. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2020.
- GRUBER, Gregor. Lehrsystem einer allgemeinen Diplomatik vorzüglich für Oesterreich und Deutschland... Wien: In der Joh. Paul Kraußischen Buchhandlung, Vol. I, 1783.
- GRUBER, Gregor. Lehrsystem einer allgemeinen Diplomatik vorzüglich für Oesterreich und Deutschland... Wien: In der Joh. Paul Kraußischen Buchhandlung, Vol. II, 1783.
- HORNSCHUCH, Hieronymus. *Orthotypographia*. Leipzig, 1634.
- IGGERS, Georg G. *New Directions in European Historiography*. Middletown: Wesleyan University Press, 1975.
- Journal für Prediger. Halle: Carl Christian Kümmel, vol. X/1, 1779.
- KETTNER, Friedrich Ernst. Kirchen- und Reformations-Historie, des Kayserl. Freyen Weltlichen Stifts Quedlinburg... Quedlinburg: Schwan, 1710.
- Klopstock Briefe, 1767–1772. Berlim; New York: De Gruyter, 1992.
- McKITTERICK, David. *Print, Manuscript and the Search for Order, 1450–1830*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MEIERN, Johann Gottfried von. *Acta Pacis Westphalicae Publica. Oder Westphälische Friedens-Handlungen und Geschichte*. Vol. I. Hannover: Schultze, 1734.
- MOSER, Johann Jacob. *Bescheidene Vindiciae Eines Diplomatis Des Römischen Königs Heinrichs VII. de anno 1226...* Hildesheim, 1731.
- Neues vaterländisches Archiv oder Beiträge zur allseitigen Kenntniß des Königreichs Hannover und des Herzogthums Braunschweig. Lüneburg: Herold und Wahlstab, 1827.
- OSCHMANN, Antje. Johann Gottfried von Meiern und die ‘Acta pacis Westphalicae publica’. In: DUCHHARDT, Heinz (ed.). *Der Westfälische Friede. Diplomatie – politische Zäsur – kulturelles Umfeld – Rezeptionsgeschichte*. München: Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 1998, p. 779–803.
- PETKE, Wolfgang. *Diplomaticus Apparatus*. In: HOFFMANN, Dietrich; MAACK-RHEINLÄNDER, Kathrin. ‘Ganz für das Studium angelegt’: Die Museen, Sammlungen und Gärten der Universität Göttingen. Göttingen: Wallstein, 2001, p. 82–90.
- PÜTTER, Johann Stephan. *Versuch einer academischen Gelehrten-Geschichte von der Georg-Augustus-Universität zu Göttingen*. Vol. II. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1788.

RASCHE, Ulrich. Seit wann und warum gibt es Vorlesungsverzeichnisse an den deutschen Universitäten? *Zeitschrift für Historische Forschung*, 2009, vol. XXXVI, p. 445-478.

REILL, Peter Hanns. *The German Enlightenment and the Rise of Historicism*. Berkeley: University of California Press, 1975.

SCHLIEPHACKE, Oliver. Die Memoria Heinrichs I. in Quedlinburg. In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 209-223.

SCHNABEL, Werner Wilhelm. Johann Christoph Gatterer in Nürnberg. Über die Frühzeit des Göttinger Historikers. *Jahrbuch des historischen Vereins für Mittelfranken*. Ansbach: Selbstverlag des historischen Vereins für Mittelfranken, Vol. LXIII, 1992-1993, p. 61-109.

The Critical review, or, Annals of literature. London, vol. XXXIII, March 1772.

Verzeichniß derjenigen Bücher aus allen Wissenschaften, welche aus der vom verstobenen Hofrath und Professor Gatterer zu Göttingen nachgelassenen Bibliothek (...) verkauft werden sollen. Göttingen: Johann Christian Dieterich, 1800.

VOIGT, Gottfried Christian. Abhandlungen über einzelne Gegenstände des Rechts und der Geschichte. Halle: Johann Jacob Gebauer, 1782.

VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. I. Leipzig: Im Schwickerstschen Verlage, 1786.

VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. II. Leipzig: Im Schwickerstschen Verlage, 1787.

VOIGT, Gottfried Christian. Geschichte des Stifts Quedlinburg. Vol. III. Leipzig: Im Schwickerstschen Verlage, 1791.

VOIGTLÄNDER, Klaus. Die Stiftskirche St. Servatii zu Quedlinburg. Geschichte ihrer Restaurierung und Ausstattung. Berlin: Akademie-Verlag, 1989.

WALCH, Ernst Christoph. Diplomatische Anmerkungen aus Urkunden vom 14sten, 15sten, 16sten Jahrhunderte an das Königl. historische Institut eingesandt von Ernst Christoph Walch, ausserordentlichen Mitglied des gedachten Instituts 1768. Allgemeine historische Bibliothek von Mitgliedern des königlichen Instituts der historischen Wissenschaften zu Göttingen. Halle, Johann Justinus Gebauer, Vol. XI, 1769, p. 3-24.

WARNKE, Christian. Die ‘Hausordnung’ von 929 und die Thronfolge Ottos I. In: FREUND, Stephan; KÖSTER, Gabriele (eds.). 919 – Plötzlich König. Heinrich I. und Quedlinburg. Regensburg: Schnell & Steiner, 2019, p. 117-144.

- WESTPHAL, Siegrid. Der Westfälische Frieden 1648. In: DINGEL, Irene; ROHRSCHNEIDER, Michael; SCHMIDT-VOGES, Inken; WESTPHAL, Siegrid; WHALEY, Joachim (eds.). *Handbuch Frieden im Europa der Frühen Neuzeit / Handbook of Peace in Early Modern Europe*. Bearb. v. Volker Arnke. Berlim; Boston: De Gruyter, 2021, p. 929-949.
- WOZNIAK, Thomas. Grabinschriften und Graffiti im ehemaligen St.-Marien-Kloster auf dem Münzenberg zu Quedlinburg. *Concilium medii aevi*, Vol. 16, 2013, p. 73-95.
- WOZNIAK, Thomas. Quedlinburg im 14. und 16. Jahrhundert. Ein sozialtopographischer Vergleich. Berlim: Akademie Verlag, 2013.

Recebido em 14 de fevereiro de 2023

Aprovado em 24 de julho de 2023